

GÊNEROS TEXTUAIS EMERGENTES NA MÍDIA VIRTUAL E SUA IMPORTÂNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

Renata Passos Teixeira

Cleber Cezar da Silva

DOI: <https://www.doi.org/10.29327/5365398.2-10>

RESUMO

O presente estudo busca estabelecer uma relação entre os conceitos de língua, sujeito, texto e contexto para, posteriormente, definir e diferenciar gêneros discursivos e textuais. Além disso, traz uma breve discussão sobre os gêneros emergentes e traça um paralelo entre estes, a internet e as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, demonstrando como a mudança linguística ocorre de forma concomitante com a mudança da sociedade. Nas considerações finais, estabelece alguns apontamentos sobre a importância do estudo do gênero, além de relacioná-lo à comunicação. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, pautada, principalmente, em Koch (2002), Bakhtin (1997; 2003) e Marcuschi (2002; 2006; 2008; 2012).

Palavras-chave: Gênero; Comunicação; Sociedade; Internet.

RESUMEN

El presente estudio busca establecer una relación entre los conceptos de lengua, sujeto, texto y contexto para posteriormente definir y diferenciar géneros discursivos y textuales. Además, trae una breve discusión sobre los géneros emergentes y establece un paralelo entre ellos, Internet y las Tecnologías Digitales de la Información y la Comunicación, demostrando cómo el cambio lingüístico ocurre concomitantemente con el cambio en la sociedad. En las consideraciones finales, expone algunos apuntes sobre la importancia de estudiar el género, además de relacionarlo con la comunicación. Se trata de una investigación bibliográfica, basada principalmente en Koch (2002), Bakhtin (1997; 2003) y Marcuschi (2002; 2006; 2008; 2012).

Palabras clave: Género; Comunicación; Sociedad; Internet.

INTRODUÇÃO

As concepções de língua e sujeito estão intimamente relacionadas, pois um conceito varia em função da definição do outro. Por isso, serão expostas três abordagens distintas para cada um dos termos citados, tendo em vista as principais teorias linguísticas.

A primeira concepção de língua adotada foi a de um sistema capaz de representar, “espelhar” o pensamento e implica o sujeito psicológico, autônomo e individual. Frequentemente, essa definição traz consigo a ideia de que o sujeito é alguém que deseja transmitir algo e que se quer fazer compreendido pelo interlocutor. Dessa forma, o sujeito é visto como um “ego” construído histórica e socialmente, capaz de interagir e de controlar suas atitudes. Quanto ao texto, nesta abordagem, é considerado uma representação do pensamento e, nessa perspectiva, o interlocutor apenas compreende tanto essa representatividade quanto suas intenções, e, por isso, ele é considerado passivo no processo comunicativo.

Em outra perspectiva, a estruturalista, quando a língua é considerada como uma estrutura, ou seja, um conjunto de códigos convencionados socialmente, tem-se um sujeito determinado, mas, ao mesmo tempo, ele é assujeitado pelo sistema, sem consciência e sem domínio total sobre si. Em suma, por compreender a língua como um sistema abstrato e ideal, tem-se a compreensão de que o sujeito deve estar pronto para absorvê-la e dela fazer uso de acordo com o funcionamento interno desse sistema de códigos.

Nessa perspectiva, há algumas considerações a serem feitas sobre esse sujeito: 1) trata-se de alguém com consciência individual do sistema linguístico, responsável pela construção dos sentidos ao qual deseja atribuir significados, fazendo-se construtor de sua história; e 2) é alguém que passou por um processo de assujeitamento, visto que ele apenas atende ao que se espera dele, tanto social quanto linguisticamente, pois, anterior a ele, há um discurso já constituído e materializado que fala por meio dele, e o que se diz é inconsciente.

Nessa concepção, o texto é visto como um produto codificado pelo emissor a ser decodificado pelo receptor e, o único conhecimento necessário é o código adotado durante o processo comunicativo. O emissor, neste caso, também é passivo.

E, por último, na perspectiva interacionista, a definição que embasa o presente capítulo, a concepção de língua é como lugar de interação:

Corresponde à noção de sujeito como entidade psicossocial, sublinhando-se o **caráter ativo** dos sujeitos na produção mesma do social e da interação defendendo a posição de que os sujeitos (re)produzem o social na medida em que participam ativamente da definição da situação na qual se acham engajados e que são atores na atualização das imagens e das representações sem as quais a comunicação não poderia existir (KOCH, 2002, p. 15, grifo nosso).

Nessa concepção, há um equilíbrio entre sujeito e sistema, pois não há sobreposição nem de um nem de outro, mas há influências mútuas. Portanto, há diálogo ou relações dialógicas nas quais ambos, os sujeitos (emissor e receptor) são ativos no processo comunicativo. O texto é, portanto, local de interação, uma

atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer mobilização de um vasto conjunto de saberes (KOCH, 2002, p. 17).

Portanto, não se trata mais de uma mera decodificação ou de uma captação de informações, mas de uma interação entre todos os atores que participam do processo enunciativo. Há uma relação entre sujeitos sociais ativos em uma atividade sociocomunicativa e os sentidos são construídos ao longo da relação dialógica.

Nessa concepção é preciso que o contexto sociocognitivo seja parcialmente semelhante. Para a Linguística Textual, o contexto refere-se às

situações imediata e mediata⁵, aliadas aos aspectos sociocognitivos dos interlocutores durante a interação comunicativa. De acordo com Koch (2002), para compreender o contexto, são necessários conhecimentos sobre:

- A língua e sua estrutura (linguístico);
- A situação comunicativa e suas regras (situacionalidade);
- Frames e scripts⁶ (enciclopédico);
- Tipos textuais (superestrutural);
- Gêneros e outros textos (intertextualidade)
- Registros, variedades de língua e sua adequação às situações comunicativas (estilística);

Para Marcuschi (2012):

O texto forma uma rede em várias dimensões e se dá como um complexo processo de mapeamento cognitivo de fatores a serem considerados na sua produção e recepção. O texto não é o resultado automático de uma série finita de passos em que se usaram algumas regras recorrentes observando a boa formação frasal de todas as relações na sequência, ao qual se aplicaria algum componente interpretativo. Em suma, o texto é algo essencialmente diverso de uma sentença muito longa (MARCUSCHI, 2012, p. 30).

Dadas essas considerações, compreende-se que as várias definições de textos, apesar de estarem atreladas às diferentes concepções epistemológicas de língua e sujeito, não se referem apenas a um amontoado de palavras em frases, orações ou períodos.

Para análise dos gêneros, a concepção de texto a ser adotada é a interacional pelo fato desta estar intrinsecamente relacionada aos interlocutores do processo comunicativo, pois, em todos os textos, há uma intencionalidade e há um contexto no qual os sujeitos são coprodutores de significados durante o ato enunciativo.

⁵ Estas situações referem-se ao entorno sociopolítico e cultural no qual a comunicação está inserida ou acontecendo.

⁶ *Frame* pode ser definido como uma cena estereotipada aliada a elementos preestabelecidos e o *script* é uma sequência estereotipada de uma situação, na qual se espera uma sequência predeterminada de ações/papéis.

GÊNEROS DISCURSIVOS E TEXTUAIS: BAKHTIN E MARCUSCHI

Para Bakhtin (2003), o gênero é relativamente estável, pois é quase impossível fixá-lo em regras e formas, por se tratar de um enunciado interacional e ideológico. O termo “relativamente” é utilizado para não se tender ao reducionismo, uma vez que a comunicação abrange a individualidade humana e, por isso, está atrelada à criatividade, cultura e cognição das ações do homem.

Bakhtin (2003), de acordo com as definições de discurso, caracteriza o que ele denominou como gêneros discursivos primários (simples) e gêneros discursivos secundários (complexos) afirmando que as diferenças entre eles não são apenas funcionais. Para o autor, os gêneros discursivos complexos – como o romance, o drama, a pesquisa científica – são muito desenvolvidos e tendem a ser escritos. Além disso, eles englobam os gêneros discursivos simples que se formam na comunicação imediata.

Para compreender melhor essa classificação, faz-se necessária a definição de enunciado que:

não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, delimitada com precisão pela alternância dos sujeitos do discurso e que termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silenciosos que seja o “*dixi*” percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante concluiu sua fala (BAKHTIN, 1997, p. 295).

Segundo Bakhtin (1997), a diferença entre os gêneros está associada a três características: conteúdo temático (objeto do discurso ou assunto), construção composicional (estrutura do texto) e estilo (escolhas semânticas, lexicais e organização gramatical).

[...] os gêneros, sob a perspectiva bakhtiniana, são práticas sócio-comunicativas construídas

⁷ Expressão latina cujo significado é “eu disse”. Nesse contexto, significa que o emissor encerrou seu turno de fala, cedendo a oportunidade ao interlocutor com o qual estabelece comunicação naquele determinado momento.

historicamente, influenciados por fenômenos sociais e dependentes da situação comunicativa em que são enunciados. Isso significa que no momento da interação, oral ou escrita, recorremos a um gênero, que, apesar de ser inerente a cada situação discursiva, revela a necessidade dos participantes envolvidos nessa situação, a vontade do enunciador, a intenção do falante, ou seja, o gênero é determinado pela esfera discursiva e está presente em toda atividade comunicativa humana, representando as formas de dizer e de se interagir em cada situação específica (DIAS *et al.*, 2011, p. 146).

Após essas considerações, explicitam-se os conceitos bakhtinianos: gêneros discursivos primários são oriundos de situações de comunicação simples, informais e espontâneas. Além disso, estão mais próximos da realidade do falante. Gêneros discursivos complexos são, principalmente, escritos e, portanto, mais elaborados em situações formais. Por isso, diz-se que estes não só absorvem, mas modificam os gêneros discursivos simples. Tanto os gêneros simples quanto os complexos, por serem produtos de uma interação comunicativa, não podem ser classificados de forma rígida.

Marcuschi (2006), embora não refute a ideia da criação durante o processo comunicativo, estabelece uma regularidade para cada um dos gêneros, propondo uma caracterização de cada um deles, mesmo que os considerem uma forma de interação de sujeitos. De acordo com o autor, é possível definir os gêneros pela construção histórica mediante certas características que eles apresentam, bem como o propósito que é característico a cada um deles. Portanto, mesmo que possua uma característica híbrida, é classificado apenas em uma definição. Portanto, o texto sempre se manifestará em um gênero.

Além dessas considerações, Marcuschi (2002a) alerta para o fato de que não basta uma estrutura tipológica e certas características para se classificar um texto em um determinado gênero. É preciso também o que ele nomeou como “adequação tipológica”. Portanto, na produção de cada

gênero, devem ser considerados os seguintes aspectos: 1) natureza da informação, 2) nível de linguagem, 3) situação adequada, 4) relação entre participantes e 5) propósito do gênero. Assim, “não há só a questão da produção adequada do gênero, mas um uso adequado. Esta não é uma questão de etiqueta social apenas, mas é um caso de adequação tipológica” (MARCUSCHI, 2002a, p. 34).

Em suma, o gênero está relacionado ao funcionamento da sociedade, bem como das atividades culturais e sociais nas quais o sujeito está envolvido ou inserido. Assim, pode-se afirmar que é impossível não se comunicar através de textos nos quais os gêneros são concretizados.

Nesse sentido, é relevante o conceito de domínio discursivo. Para Bakhtin, o conceito de enunciado abarca o de discurso, ou seja, no enunciado está o contexto, a parte presumida que vai além da materialidade linguística, mas a parte extraverbal da comunicação.

Portanto, o domínio discursivo:

Não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. Constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de relações de poder (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Portanto, trata-se de uma definição atrelada à atividade humana efetivada através de enunciados, sejam eles orais ou escritos. O domínio discursivo constitui-se em uma esfera institucional ou social em que as práticas determinam as formas de comunicação estabelecidas para aquele contexto. São, portanto, modelos estabilizados da ação comunicativa.

OS GÊNEROS TEXTUAIS EMERGENTES

As novas tecnologias revolucionaram muitos, se não todos os setores

da sociedade contemporânea, principalmente quando se considera a mídia eletrônica ou digital. Essa afirmação se aplica tanto à linguagem quanto à comunicação e aos gêneros textuais. Em relação à linguagem, pode-se afirmar que:

- 1) do ponto de vista da linguagem, temos uma pontuação minimalista, uma ortografia um tanto bizarra, abundância de abreviaturas nada convencionais, estruturas frasais pouco ortodoxas e sua escrita semialfabética;
- 2) do ponto de vista da natureza enunciativa dessa linguagem, integram-se mais semioses do que usualmente, tendo em vista a natureza do meio;
- 3) do ponto de vista dos gêneros realizados, a internet transmuta de maneira bastante radical gêneros existentes e desenvolve alguns realmente novos. Contudo, um fato é inconteste: a internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na internet, a escrita continua essencial (CRYSTAL, 2001, *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 199).

Os gêneros emergentes exigem novas formas de leitura, visto que a maioria deles é multimidiática e multissemiótica. Portanto, as TDICs (Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação) fazem com que novas estratégias sejam adotadas para que a comunicação se torne eficiente. Assim, além de novos gêneros, pode haver o que se chama de intergeneratividade, ou seja, os gêneros podem adotar características híbridas mesclando-se com outros gêneros para atender a diversos propósitos comunicativos.

Dentre os muitos gêneros emergentes, citam-se como exemplos, *blog*, *vlog*, *podcast*, *chats*, memes, GIF (*Graphics Interchange Format*), *fanfiction*, *wiki*, currículo *web*, *e-book* e *posts*.

Para Bakhtin (1997), a comunicação ocorre através da interação verbal e, por isso, pode-se afirmar que, através das mídias digitais, também ocorre o processo comunicativo, ainda que os interlocutores não estejam

presentes fisicamente.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações (BAKHTIN, 1997, p. 123).

Portanto, estudar os gêneros emergentes constitui uma possibilidade de observar o uso que o indivíduo faz do sistema linguístico no qual está inserido, bem como de analisar como os falantes se adequam a novas situações e a novos usos no processo comunicativo, no caso, quando ele está atrelado às mídias digitais. Vale ressaltar que, linguisticamente, pode ser considerado um gênero discursivo ou textual tudo o que se faz para estabelecer comunicação com os interlocutores, estejam eles presentes ou ausentes fisicamente.

Essa afirmação também pode ser aplicada ao que acontece nas redes sociais e nos diversos locais da internet, pois:

há muitos gêneros produzidos de maneira sistemática e com grande incidência na vida diária, merecedores de nossa atenção. Inclusive e talvez de maneira fundamental, os que aparecem nas diversas mídias hoje existentes, sem excluir a mídia virtual, tão bem conhecida dos internautas ou navegadores da Internet (MARCUSCHI, 2002, p. 35).

Considerando a afirmação acima, pode-se considerar que a internet é um local onde há necessidades comunicacionais reais, a qual os falantes estabelecem diálogo de diversas formas e, por conseguinte, estabelecem novos e diversos gêneros. Esses novos formatos de comunicação refletem um novo contexto real, histórico e social, no qual são estabelecidos regras e propósitos enunciativos.

Para Miller (1984), os gêneros não podem ser padronizados ou encaixados em uma forma após a adoção de um método específico. Os gêneros, acima de tudo, servem para compreender como a sociedade se

organiza e como fazer para participar das ações de uma determinada comunidade.

Segundo Xavier (2005), para auxiliar e favorecer o letramento escolar, os gêneros emergentes, por ele chamados “digitais”, devem ser utilizados em sala de aula, uma vez que o letramento digital ocorre antes do letramento alfabético. Em suma, a internet proporciona o contato com gêneros multimidiáticos e multissemióticos. Portanto, os gêneros emergentes podem auxiliar a compreensão das diversas linguagens, sem relegar os gêneros consagrados socialmente e a língua padrão, formal e culta a um segundo plano, mas estabelecendo-os também como uma forma de comunicação tão importante quanto às encontradas na internet.

A utilização desses gêneros, tanto no âmbito profissional quanto pessoal, estão provocando mudanças na linguagem e na vida dos indivíduos. Isso implica dizer que pode ocorrer uma potencialização da competência comunicativa dos indivíduos, pois os gêneros emergentes causam a sensação de continuidade ou evolução dos gêneros já consagrados socialmente, embora haja diferenças significativas entre um e outro. Nesse sentido, Marcuschi (2010) ressalta que

esses gêneros têm características próprias e devem ser analisados em particular. Nem sempre têm uma contraparte muito clara e não se pode esperar uma especularidade na projeção de domínios tão diversos como são o virtual e o real tradicional (MARCUSCHI, 2010, p. 37).

Para Marcuschi (2002b), na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, é possível estabelecer um paralelo formal e funcional entre os gêneros emergentes e os já existentes.

Quadro 1 - Gêneros textuais emergentes na mídia virtual suas contrapartes em gêneros pré-existentes

N.	Gêneros emergentes	Gêneros já existentes
1	E-mail	Carta pessoal / bilhete / correio

2	Bate-papo virtual em aberto	Conversações
3	Bate-papo virtual reservado	Conversações duais
4	Bate-papo ICQ (agendado)	Encontros pessoais
5	Bate-papo virtual em salas privadas	Conversações
6	Entrevista com convidado	Entrevista com pessoa convidada
7	Aula virtual	Aulas presenciais
8	Bate-papo educacional	Aula participativa e interativa
9	Videoconferência	Reunião de grupo/ conferência / debate
10	Lista de discussão	Circulares/ séries de circulares
11	Endereço eletrônico	Endereço postal

Fonte: Marcuschi (2002b).

O que se pretende é demonstrar que, embora os gêneros emergentes sejam novos na sociedade, sua estrutura e caracterização se dão a partir dos gêneros já existentes e estabelecem uma espécie de “continuum” em relação aos predecessores. Mas, ainda assim, cada gênero possui características próprias e particulares e deve ser analisado de forma individual por ocorrer com propósitos diferentes dos originais.

Uma colocação importante deve ser feita: apesar do que foi citado anteriormente, os gêneros digitais são dependentes diretos de softwares ou de aplicativos específicos, sem os quais, a comunicação é impossibilitada ou inviabilizada. Apesar da interatividade entre os usuários do sistema linguístico, há uma dependência do meio tecnológico sem o qual não há efetividade de comunicação.

Nessa perspectiva, o autor declara que os gêneros emergentes:

Sequer se consolidaram, esses gêneros eletrônicos já provocam polêmicas quanto a natureza e proporção do seu impacto na linguagem e na vida social. Isso porque os ambientes virtuais são extremamente versáteis e hoje competem, em importância, entre as atividades comunicativas, ao lado do papel e do som. Em certo sentido, pode-se dizer, que na atual sociedade da informação, a internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo

(MARCUSCHI, 2010, p. 15).

Portanto, os gêneros emergentes passam por um processo de consolidação como uma nova forma de comunicação e não estar atento a isso, implica em negar as mudanças pelas quais a sociedade passa, visto que a interação entre os interlocutores se modifica e se reorganiza com novos usos e de novas formas.

Para Marcuschi (2002a):

há muitos gêneros produzidos de maneira sistemática e com grande incidência na vida diária, mercedores de nossa atenção. Inclusive e talvez de maneira fundamental, os que aparecem nas diversas mídias hoje existentes, sem excluir a mídia virtual, tão bem conhecida dos internautas ou navegadores da Internet (MARCUSCHI, 2002a, p. 35).

Esses gêneros fazem parte do cotidiano de todo e qualquer aluno, desde a mais tenra infância até os acadêmicos universitários. Acredita-se que o letramento digital, nas atuais gerações, precede a alfabetização, pois as crianças já têm acesso às mídias desde muito pequenas. Portanto, utilizar os gêneros emergentes no processo de ensino da língua materna implica trazer para a sala de aula a realidade do aluno, mostrando a ele que outros gêneros (consagrados socialmente) são predecessores a este e, muitas vezes, deles são oriundos.

Não é pretensão da afirmação anterior relegar o ensino da língua padrão a um segundo plano ou eliminá-lo das aulas, mas sim afirmar que há diversas possibilidades para esse ensino, e que os gêneros textuais emergentes são apenas uma delas, visto que, para o aluno, eles são imbuídos de significado e propósito.

Nesse sentido, é preciso assumir que:

Os professores precisam conhecer os gêneros discursivos e linguagens digitais que são usados pelos alunos, para integrá-los, de forma criativa e construtiva, ao cotidiano escolar. Quando digo integrar é porque o que se quer não é abandono das práticas já existentes,

que são produtivas e necessárias, mas que a elas se acrescente o novo. Precisamos, portanto, de professores e alunos que sejam letrados digitais, isto é, professores e alunos que se apropriam crítica e criativamente da tecnologia, dando-lhe significados e funções, em vez de consumi-la passivamente. O esperado é que o letramento digital seja compreendido para além de um uso meramente instrumental (FREITAS, 2010, p. 340).

Portanto, a tecnologia e os gêneros textuais emergentes precisam ser (re)pensados como uma estratégia de ensino eficiente e eficaz, capaz de captar a atenção do aluno e de trazer sentido e propósito às aulas de língua materna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos linguísticos recentes apontam para a imperatividade de estudar as mudanças no processo comunicativo face às mudanças sociais que ocorrem no mundo todo. Os usos cotidianos da língua se modificam de forma autêntica e precisam ser analisados e compreendidos. Se consideramos que, linguisticamente, tudo o que for produzido durante o ato comunicativo pode ser considerado um gênero, estudar a influência da mídia digital sobre a língua possibilita o entendimento amplo sobre novas formas de comunicar.

Não é difícil supor que os usuários de uma língua aprendem, naturalmente, a produzir diversos gêneros no cotidiano, sejam eles gêneros historicamente consagrados ou emergentes mediante o uso que se faz da internet.

A comunicação é um ato essencialmente humano, construído histórica e socialmente, desde o surgimento da humanidade. Portanto, compreender, analisar e estabelecer novos gêneros é pensar sobre a evolução da humanidade e das diversas formas de estabelecer comunicação através do processo interativo.

Apesar da escolha do gênero não acontecer de forma livre e

autônoma, somente através deles haverá a comunicação. Conforme já dito pelos estudiosos da língua, só existimos na língua(gem) e pela língua(gem). Assim, o professor deve fazer uso dos gêneros emergentes para que o ensino de língua materna não só tenha um objetivo pedagógico, mas, antes disso, tenha um propósito social e comunicativo, presente na realidade do aluno, na sua vivência diária. É, portanto, preciso letrar-se na internet também.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DIAS, Eliana *et al.* Gêneros textuais e(ou) gêneros discursivos: uma questão de nomenclatura?. **Revista Interações**, [S. l.], v. 7, n. 19, 2011. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/475>. Acesso em: 21 ago. 2023.

FREITAS, Maria Teresa. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 03, p. 335-352, dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/N5RryXJcsTcm8wK56d3tM3t/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 ago. 2023.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In:* DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002a.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In:* Reunião do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, 50., 2002, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2002b. Disponível em: https://conteudo.catolica.edu.br/conteudos/nbt_cursos/textos_praticas_digitais/tema_04/leituras/Tema%204%20-%20Saiba%20mais%20-%20G%C3%AAneros%20textuais%20emergentes%20no%20contexto%20das%20tecnologias%20digitais.pdf. Acesso em: 25 ago. 2023.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: configuração, dinamicidade e circulação. *In*: KARWOSKI, Acir Mário.; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed., São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de texto: o que é e como se faz**. São Paulo: Parábola, 2012.

MILLER, Carolyn. R. Genre as Social Action. Madison. **Quarterly Journal of Speech**, n. 70, p. 151-167, 1984. Disponível em: https://oportuguesdobrasil.files.wordpress.com/2015/02/miller_genre_as_social_action.pdf. Acessado em: 21 ago. 2023.

XAVIER, Antônio C. Reflexões em torno da escrita nos novos Gêneros Digitais da Internet. **Investigações: linguística e teoria literária**, v. 8, n. 2, jul., 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1484/1157>. Acesso em: 04 dez. 2022.

SOBRE OS AUTORES

Renata Passos Teixeira

Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa e Língua Inglesa e suas Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual de Goiás (2000) e Pós-graduação (2002) pela Universidade Salgado de Oliveira. Ex-professora da Universidade Estadual de Goiás, onde também atuou como coordenadora do curso de Letras. Atualmente é professora concursada na Secretaria Estadual de Educação dos Estados de Goiás (onde também foi gestora escolar e tutora educacional) e Tocantins. Mestranda no Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino para a Educação Básica.

E-mail para contato: renatapassos08@gmail.com
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9635882186651084>

Cleber Cezar da Silva

Possui graduação em Normal Superior pela Universidade Federal de Goiás

(2006). Especialização em Linguística Aplicada à Língua e à Literatura (2016). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Goiano - Campus Urutaí - Goiás (2022). É gestora educacional em instituição de ensino privada, iniciou sua carreira docente em 2005. Atua na área da Coordenação Pedagógica do Ensino Fundamental II e Ensino Médio desde 2010. Servidora Pública Efetiva (2015). Possui experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa. Habilidades em liderança de projetos educacionais, planejamento escolar, gestão de pessoas e políticas internas do campo educacional.

E-mail para contato: cleber.silva@ifgoiano.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6785390145821148>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0114-3666>